

O QUE EM GERAL SE DIZ DE CRIANÇAS E DE JOVENS LEITORES? UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE REPRESENTAÇÕES DA LEITURA E DOS LEITORES NA ATUALIDADE

WHAT IS GENERALLY SAID ABOUT CHILDREN AND YOUNG READERS? A DISCURSIVE ANALYSIS OF REPRESENTATIONS OF READING AND READERS TODAY

¿QUÉ SE SUELE DECIR DE LOS NIÑOS Y JÓVENES LECTORES? UN ANÁLISIS DISCURSIVO DE LAS REPRESENTACIONES DE LA LECTURA Y LOS LECTORES DE LA ACTUALIDAD

Andrei Cezar da Silva¹

Jéssica de Oliveira²

Resumo: Este artigo, objetiva tratar da análise de representações de crianças e jovens na condição de leitores, tanto no que diz respeito àquelas que são feitas acerca deles, quanto àquelas que eles próprios compartilham sobre si. Para isso, nos apoiaremos em duas fontes: adaptações de obras clássicas destinadas ao público infantil e juvenil, publicadas sob a forma de livro impresso; e declarações de jovens leitores publicadas virtualmente em uma rede social dedicada ao tema da leitura. Em nossa análise nos apoiamos em princípios da Análise do Discurso francesa e na História Cultural da leitura, principalmente nas considerações de Roger Chartier.

Palavras-chave: Discurso sobre a leitura; leitura infantil e juvenil; história cultural.

Abstract: This article aims to analyze the representations of children and young people as readers, both in terms of what is done about them and what they share about themselves. To do so, we will rely on two sources: adaptations of classic works aimed at children and young people, published in the form of printed books; and statements of young readers published virtually on a social network dedicated to the theme of reading. Our analysis is based on the principles of French Discourse Analysis and the Cultural History of reading, especially in Roger Chartier's considerations.

Keywords: Discourse on reading; reading to children and young people; cultural history.

Resumen: Este artículo pretende abordar el análisis de las representaciones de los niños y jóvenes como lectores acerca de que está dicho sobre ellos y también de las representaciones que ellos mismos comparten sobre sí mismos. Para eso, nos apoyaremos en dos fuentes: adaptaciones de obras clásicas dirigidas a niños y jóvenes, publicadas en forma de libro impreso; y declaraciones de jóvenes lectores publicadas virtualmente en una red social dedicada al tema de la lectura. En nuestro análisis nos apoyamos en principios del Análisis del Discurso Francés y en la Historia Cultural de la lectura, principalmente en las consideraciones de Roger Chartier.

Palabras clave: Discurso sobre la lectura; lectura infantil y juvenil; historia cultural.

Introdução

Com base em estudos dedicados à leitura, à sua história, e especialmente apoiados em princípios da Análise do Discurso francesa e da História Cultural, nas considerações de Roger Chartier, tal como têm sido desenvolvidos pelos pesquisadores do Laboratório de Estudos da Leitura (Lire), nos propomos, neste artigo, depreender discursos sobre a leitura e

¹ Universidade Federal de São Carlos.

² Universidade Federal de São Carlos.

representações dos leitores a partir da análise de dois objetos culturais diferentes: primeiramente nos valeremos de adaptações infantis do clássico *Dom Quixote* e, em um segundo momento, de postagens de jovens leitores na rede SKOOB.

A análise desses dois objetos distintos – das adaptações literárias, como produtos culturais legítimos de nosso tempo, e como parte das produções que constituem o campo literário e das postagens em redes sociais, onde os leitores de uma determinada faixa-etária, e de um mesmo tempo, se expressam em relação ao tema da leitura, dos livros, de seus hábitos e desejos relacionados a esse objeto cultural – pode indiciar discursos sobre a leitura e sobre os leitores de um determinado segmento. Esses indícios nos interessam na medida em que seu papel é duplo: eles tanto demonstram quanto determinam o que em geral se pode e se deve dizer sobre essa prática, como também impactam sobre os modos de exercê-la.

A razão de nos interessarmos por essas representações dos leitores e de suas práticas de leitura reside no fato de que ainda conhecemos insuficientemente, como sociedade, o impacto dos discursos sobre o modo como concebemos a leitura, reproduzimos os consensos e mitos a seu respeito, reproduzimos as estigmatizações dos sujeitos cujas práticas não coincidem com aquelas do leitor idealizado. Se esses discursos sobre a leitura servem de argumento para a reprodução de hierarquias, se fazem, sem dúvida, ainda necessários estudos sistemáticos e específicos que lancem luz sobre esse tema geral e que permitam constituir um painel mais fidedigno de nossa imagem e de nossas práticas efetivas e possíveis como leitores.

Representações do leitor infantil em adaptações do clássico *Dom Quixote* – da seleção de narrativas

A análise de adaptações literárias, como produtos culturais legítimos de nosso tempo, e como parte das produções que constituem o campo literário (suas obras, atores, espaços de circulação, formas de julgamento e promoção etc.), pode lançar luz sobre os discursos sobre a leitura e sobre os leitores de um determinado segmento, discursos que circulam e que determinam o que em geral se pode e se deve dizer sobre essa prática, assim como delimitam os modos adequados de exercê-la³.

Sua análise nos permite depreender indícios sobre o perfil leitor daqueles para quem essas adaptações foram produzidas, tendo em vista aspectos da imagem mais consensual e compartilhada pelos atores responsáveis por sua produção (editores, escritores, ilustradores, adaptadores etc.), os quais, por meio da adoção de certos procedimentos técnicos, inscrevem na materialidade dessas adaptações aquilo que creem ser as competências, os interesses, as maneiras de ler dos sujeitos de um dado segmento leitor, de um dado público, de uma dada faixa-etária.

Assim, em função de quem se pressupõe compor o público leitor de uma dada produção literária, nela se pode encontrar esboçadas suas qualidades ou fraquezas, efetivas ou imaginárias, as quais podem ser depreendidas a partir da análise de certas estratégias editoriais e de escrita empregadas no processo de adaptação.

Com vistas a analisar algumas representações discursivas do leitor infantil que se podem identificar em adaptações do clássico *Dom Quixote de La Mancha*, apresentamos uma análise preliminar e comparativa de duas edições adaptadas, uma nacional e outra galega, ambas lançadas no ano de 2005, quando das comemorações do IV Centenário de publicação da obra e voltadas para o público infantil. Essa delimitação se deve em função das diferenças nas estratégias empregadas e nos modos de representação dos leitores presentes nos textos das adaptações publicadas em português ou em relação às adaptações estrangeiras que circulam junto ao público infantil da Espanha, mais precisamente da Galícia. A saber, nos deteremos na

³ Cf., acerca desse princípio da Análise do discurso, Pêcheux (1995) e Foucault (1999).

análise de *Don Quixote e Breogán*⁴, de Anxo Fariña, da editora A Nossa Terra⁵; e *O Cavaleiro do Sonho*, de Ana Maria Machado e Candido Portinari, da editora Mercuryo Jovem.

Na adaptação brasileira, *O Cavaleiro do Sonho: as aventuras e desventuras de Dom Quixote de la Mancha*, Ana Maria Machado e Candido Portinari (2005) optam por selecionar e sintetizar alguns capítulos da obra original, com preferência pelos episódios em geral mais conhecidos, justamente por seu caráter mais extraordinário, mais cômico, mais fantástico. Nessa edição adaptada por Machado e Portinari, o leitor não encontrará subdivisões da narrativa em capítulos, tal como no original. A adaptadora optou por construir uma única narrativa, mais breve e corrida, sem subdivisões. As subdivisões ficam a cargo das ilustrações. Com letras grandes e com várias ilustrações, que ocupam, ao todo, aproximadamente 16 das 50 páginas da obra adaptada, é uma versão feita para se ler com os olhos e os ouvidos, pelo público infantil.

De todas as aventuras e desventuras do *cavaleiro da triste figura*, a autora brasileira opta pela narração da primeira aventura vivida por *Quixote* e que se passa no início de sua jornada, em uma estalagem, quando ele ainda não havia sido armado cavaleiro. Ela também seleciona, em sua versão, a clássica e muito provavelmente mais conhecida passagem da obra, na qual o cavaleiro luta com moinhos de vento, crendo ser eles *trinta ou mais desaforados gigantes*. Por fim, a autora retoma a passagem na qual Quixote confunde uma bacia de barbeiro com o elmo de Mambrino.

Além de bastante conhecidos esses episódios, eles são emblemáticos quanto à caracterização da personagem que, em sua loucura – edulcorada nesta adaptação dada sua referência ao sonho – se imagina cavaleiro e empreende as mais variadas peripécias dignas das aventuras de cavalaria, à época, gênero de grande apelo popular junto ao público contemporâneo da primeira edição da obra original, não apenas retomado como também crítica e artisticamente subvertido por Cervantes.

Na coleção⁶ *Don Quixote e Breogán*, seu escritor e ilustrador Anxo Fariña (2005a, 2005b, 2005c, 2005d, 2005e, 2005f) também adota o mesmo procedimento de Ana Maria Machado e Portinari ao optar por não apresentar a adaptação dividida em capítulos. Dos 126 capítulos da obra original, a edição galega opta por seis deles, relativamente aqueles mais conhecidos, e os apresenta sob a forma de seis livros autônomos, cada um equivalendo à narrativa de um capítulo ou à síntese e mescla de dois ou mais capítulos. Os livros da coleção, produzidos a partir de narrativas selecionadas da obra original por Fariña se intitulam: *A aventura dos muíños*, *O dragón voador*, *Dulcinea a nena cabaleira*, *O exército de ovellas*, *O león durmiñón* e *A pousada encantada*.

Essa decisão editorial é relativamente inovadora ao ser adotada para a adaptação. Ela consiste em uma prática característica de produções atuais destinadas ao público infantil e jovem, relativa à seriação de narrativas e à produção de obras para coleção.

O pesquisador Ceccantini (2011) ao relatar o sucesso da saga *Harry Potter* junto ao público infantil e juvenil lembra importância destas escolhas editoriais no momento da publicação de um livro, como o da divisão em séries, em volumes e o agrupamento em coleções. A decisão editorial e comercial de transformar uma obra em série, encurtando o texto de modo a termos alguns volumes que devem ser lidos na ordem visualizada quando da publicação, é

⁴ Breogán é um personagem mítico celta, conquistador de terras e fundador da cidade espanhola A Coruña, onde há uma torre e um monumento em sua homenagem. Para mais informações ver em: <http://www.torredeherculesacoruna.com/index.php?s=91&l=pt>. Acesso em: 05 de outubro de 2020.

⁵ Uma análise sobre esta mesma coleção, na qual fizemos uma comparação a respeito das ilustrações entre a adaptação de Ana Maria Machado e Portinari pode ser encontrada em: CURCINO, L.; OLIVEIRA, J.; RODRÍGUEZ, M. N. *Dom Quixote e sua saga editorial: uma análise comparada de adaptações galegas e brasileiras para o público infantil*. *Fragmentum*, [S. l.], n. 57, 2021. DOI: 10.5902/2179219463727. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/63727>. Acesso em: 21 jan. 2022.

⁶ Seus livros, numerados de 1 a 6, são vendidos separadamente nos sebos ou livrarias. Atualmente é difícil adquiri-los, pois a editora *A Nosa Terra* encerrou suas atividades, conforme relatamos anteriormente. Os exemplares, no entanto, são facilmente encontrados nas bibliotecas públicas da Galícia.

vista de modo frequente em obras que não se destinam apenas para leitores infantis e juvenis, mas também para adultos. A saga e a trilogia conquistam muitos leitores e frequentemente estão nas listas dos *best-sellers* das livrarias.

Sem querer entrar aqui na discussão sobre os méritos literários de Harry Potter, que com certeza existem (ainda que aceitar essa ideia não signifique necessariamente supervalorizar a obra), vale chamar a atenção para o fato de que, no caso brasileiro, o fenômeno Harry Potter interessa bastante aos mediadores de leitura, isto é, pais, professores, bibliotecários, editores, livreiros, animadores culturais etc., na medida em que, levadas em conta as altas tiragens que o livro alcançou também em nosso país, foram jogados por terra alguns mitos que têm balizado a produção e a leitura da literatura infantil nacional nos últimos tempos [...] (CECCANTINI, 2011, p. 118).

A escolha das narrativas para comporem a coleção seriada norteou-se, assim como no caso da adaptação brasileira, pela adoção dos capítulos nos quais as aventuras vividas pela personagem do cavaleiro são mais populares, mais extraordinárias e emblemáticas de sua desrazão, de maior apelo à imaginação com suas peripécias alucinantes, entre comédia e tragédia, desse anti-herói que sofre, mas cujo infortúnio é traduzido de forma a fazer rir, e com isso humanizar em sentido profundo, nos termos de Antonio Candido (2011), garantindo o direito à ficção, ao sonho, e com eles antecipando ou preparando os leitores para os enfrentamentos que cada um encontrará em sua vida fora dos livros.

Em nossas análises, vemos que a edição brasileira, em suas 50 páginas, sem divisão de capítulos, mas plena de intervalos garantidos pelas ilustrações de página inteira ou de meia página, pressupõe dois trajetos de representação de leitura/leitor, um em que se pode decodificar o verbal e este é ratificado e representado em uma síntese imagética da ilustração; outro em que apenas se pode decodificar exclusiva e prioritariamente o imagético, e que este, em seu encadeamento página a página, autoriza uma leitura-vislumbre, uma leitura-panorâmica e visual, propiciada pelas sucessivas ilustrações, de forma autônoma da decodificação do verbal.

O primeiro trajeto pressupõe um leitor capaz de decodificar o verbal ou aquele de um leitor responsável pela mediação da leitura para quem ainda não sabe ler, e que atuaria como leitor que ouve o verbal e que decodifica as imagens: lê-se a história e depois se observa a ilustração que a representa. O segundo trajeto é previsto para o leitor que, não dominando a técnica de decodificação do verbal, ainda assim desfruta do gesto de folhear as páginas e de aceder ao conteúdo das narrativas por sua versão ilustrada.

A adaptação galega, com suas divisões em livros de uma série, que compõem uma coleção, também seleciona as passagens narrativas mais plenas de aventuras e mais plásticas, do ponto de vista da reconstrução de imagens mentais. Essas imagens mentais são traduzidas e sintetizadas sob a forma das ilustrações, amplas, quantitativamente mais representativas, constituindo uma narrativa híbrida, mais econômica do ponto de vista verbal e mais exuberante na exploração da linguagem imagética, em uma simbiose que garante o devido desfecho de cada aventura, valorizada em cada livro da coleção adaptada.

Essa forma de seleção e exposição das narrativas na edição galega garante a autonomia de cada livro, tanto do ponto de vista formal, de começo, meio e fim de cada uma das narrativas, quanto do ponto de vista de sua ordem cronológica, já que nenhuma das narrativas de cada livro da coleção precisa ser lida segundo a ordem com que foram apresentadas na sequência dos capítulos da obra original, aqui adaptada.

As duas adaptações analisadas, no que se refere à supressão da divisão em capítulos, tal como no original, e de sua síntese, pressupõem uma leitura que possa ser feita em um único

folêgo, com histórias relativamente independentes que possam ser lidas pelos leitores iniciantes ou ouvidas e vistas por aqueles que ainda não sabem decodificar o verbal, em sua autonomia de narrativa com começo, meio e fim.

Representações orgulhosas do leitor juvenil na rede social SKOOB – práticas leitoras vorazes extensivas e/ou intensivas.

A prática da leitura é motivo de orgulho. Ler certos livros, certos autores, estabelecer uma relação inclusive afetiva com os livros também. Ter lido determinadas obras antes de todos, igualmente. O orgulho sedimenta a legitimidade de nossa pertença a redes de sociabilidade como aquela própria de certas *comunidades leitoras*⁷. Tal como verificamos nas contribuições teóricas fornecidas pela História cultural da leitura, de acordo com Chartier (1998, p. 16): “a leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência, ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros”.

Esse sentimento de pertença é fundamental em nossa formação identitária, especialmente quando somos jovens. Nos sentirmos parte de um grupo maior, sólido, de uma comunidade potente, variada e acolhedora, mas lastreada e seletiva, que dispõe de uma história ativa e de um valor simbólico altamente positivo, é algo fundamentalmente empoderante. Por isso, a sociabilidade leitora entre jovens encontrou espaço importante nas redes sociais hoje. E com estas uma forma de ostentar essa existência como leitor e de partilhar um sentimento comum: o de orgulho de ser leitor.

Desse modo, a alusão a certas emoções responde a protocolos discursivos específicos: não é qualquer emoção que se enuncia quando se fala da leitura ou de si como leitor e não é de qualquer modo que se o faz. Por essa razão, com vistas a discutir e analisar certos dizeres orgulhosos manifestos por jovens brasileiros sobre si, enquanto leitores, e sobre a prática que exercem, pelas categorias *Leitor voraz e intensivo* e *Leitor voraz e extensivo*, sistematizamos dizeres sobre os jovens brasileiros leitores, com base na identificação de certas “representações” compartilhadas por esses leitores, relativas ao “orgulho” em relação a essa prática, publicizados na rede SKOOB que, segundo seu próprio slogan, trata-se da “maior rede social do Brasil criada especialmente para quem ama ler” e teria interesse em compartilhar “experiências literárias”. Nela, a ênfase recai na leitura de livros, e sob o rótulo “literários” deve-se compreender aqueles cuja leitura é realizada espontaneamente, por prazer, seja para entretenimento ou formação, compreendendo obras destinadas a vários segmentos editoriais (clássicos universais ou nacionais, cânones escolares, best-sellers internacionais ou locais, lançamentos etc.).

Membros dessa rede social podem postar comentários sobre as obras lidas ou aquelas que desejam ainda ler; estabelecer interlocução com outros jovens leitores em função de suas predileções de leitura; e interagir com autores contemporâneos que também participam dessa plataforma virtual. Em seus comentários de “críticos amadores” e “fãs” encontram-se diversas referências à prática da leitura, de modo geral, e ao modo como cada um dos membros a empreende em sua rotina⁸. Esses comentários constituem, portanto, fontes importantes de enunciados de jovens leitores que falam da leitura, que falam da leitura que realizam de certos livros, que manifestam sua opinião, fazem avaliações, indiciando assim o que leem, porque

⁷ De acordo com Chartier (1998, p. 13), “a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos”, por essa razão, uma dada comunidade de leitores (espiritual, intelectual, profissional etc.) é a que se delinea pelo estudo de suas “redes de práticas e as (suas) regras de leituras próprias”, uma vez que “há contrastes [...] entre as normas e as convenções de leitura que definem, para cada **comunidade de leitores**, os usos legítimos do livro, as maneiras de ler, os instrumentos e procedimentos da interpretação” (grifos nossos).

⁸ A respeito dessa dupla posição a partir da qual enunciam os membros dessa rede social, como críticos amadores e como fãs, cf. Andretta & Curcino (2012).

leem, quanto leem, o modo como leem, o modo como se identificam com as formas de prestígio relativas a essa prática, enfim, o modo como expressam suas apreciações acerca da leitura, de si como leitores e do comportamento leitor de outros participantes dessa rede.

Entre as formas de enunciar sobre a leitura, tanto no que dizem esses “influenciadores” que se dirigem aos jovens leitores por meio de seus *sites*, *blogs* e em redes sociais, bem como no que dizem os jovens que enunciam(se) como leitores por meio de suas contas e comentários na rede SKOOB, observa-se a recorrência a indireta da emoção do ‘orgulho’, ou seja, de um certo estado sentimental, que é evocado por esses sujeitos ao manifestarem-se sobre a leitura e como leitores. O apelo à “emoção”, de modo geral, é uma das formas clássicas de argumentar, já contemplada pelos pensadores da Antiguidade, em especial por aqueles que se dedicaram à Retórica.

Ao longo da história, e por vezes tratada como a antípoda da “razão”, a emoção, como forma de argumentar e de agir sobre um auditório ou um interlocutor, foi concebida segundo diferentes perspectivas e com distintos objetivos. Nesse sentido, a partir da perspectiva discursiva, a menção a dados estados afetivos por parte do sujeito em relação a uma prática específica merece atenção na medida em que, uma vez enunciados, produzem certos *efeitos de sentido*, compõem e reforçam repertórios do que é enunciável sobre uma prática e do modo mais apropriado para referi-la. O recurso a uma emoção na formulação de um enunciado sobre a leitura, assim como se dá na formulação de todo e qualquer enunciado, é regido em conformidade com uma dada *formação discursiva* segundo a qual todos nós enunciamos balizando-nos pelo que é normalmente dito sobre uma prática, institucionalmente validado a seu respeito, e por isso aceitável, crível e considerado como dizer verdadeiro e legítimo, num determinado tempo e espaço.

A enunciação de emoções mais convenientes de serem expressas quando se é (ou não se é) leitor compõem o conjunto do que se diz sobre essa prática e, por isso, atua sobre o modo como a exercemos. Isso não significa que podemos afirmar o que os sujeitos sentem, o modo como experenciam uma dada emoção. O que nos interessa é o modo como esse sentimento de ‘orgulho’ em relação à prática de leitura é declarado, direta ou indiretamente, o modo como é evocado, sob que formas e produzindo (ou visando produzir) que *efeitos de sentido*.

Quanto à categorização supramencionada ‘Leitor voraz e intensivo / Leitor voraz e extensivo’⁹; motivados por suas regularidades discursivas, ela diz a respeito a enunciados nos quais se afirma orgulhosamente sua condição leitora, seja ao se referir à voracidade na leitura de um mesmo texto, várias vezes; seja ao se referir à voracidade na leitura de vários textos, simultaneamente.

Uma das regularidades quanto ao modo de enunciar (-se) nas declarações postadas nessa rede social de leitores é a que visa demonstrar o gosto espontâneo e naturalizado pela leitura, muitas vezes precoce, e a sua realização constante e frequente. Para ser leitor de verdade, e orgulhoso dessa condição, é preciso ler sempre, ler muito, volumes e volumes, páginas e mais páginas, e fazê-lo em um tempo relativamente curto, ou seja, de modo voraz, intensivo ou extensivo. Os enunciados característicos dessa representação como ‘leitor voraz’ atualizam duas formas legitimadas de se ler, que prevaleceram, cada uma a seu tempo, em momentos históricos distintos, e que hoje perduram, ambas, como práticas reconhecidas e prestigiosas, a saber, a da **leitura intensiva** e a da **leitura extensiva**¹⁰. Observamos, em alguns enunciados a ênfase em um ou em outro modo de ler, de ser leitor. No entanto, em função do traço hiperbólico que caracteriza a enunciação de jovens, em redes sociais, muitas vezes nos deparamos com enunciados que articulam essas duas formas de ler, de se dizer leitor, de se revelar o orgulho de ser leitor.

⁹ Cf. Silva e Curcino 2020.

¹⁰ Essas expressões foram utilizadas pela primeira vez pelo historiador alemão Rolf Engelsing, ao estudar a história da leitura em seu país. Cf. Galvão (c2021). Embora tenhamos nos apropriado dessas categorias, ressalta-se de que em nosso estudo correspondem a tempo e circunstâncias muito distintos.

O enunciado selecionado como representante da leitura intensiva, e mais precisamente indiciado nas passagens que indicamos em negrito a seguir, exemplifica o que em geral se apresenta na categoria dos ‘Leitores Vorazes’. O que dizem e o modo como enunciam reiteram essa forma de ler altamente valorizada entre leitores jovens, especialmente identificados como fãs de uma obra. Eles leem de modo intensivo, ou seja, repetidas vezes um mesmo texto, ou seja uma mesma obra, título e autor, seja sequencialmente, seja em momentos diferentes ao longo da vida. Por vezes, apesar das referências às obras, neste exemplo (Enunciado 1), recobrirem vários títulos de uma mesma série, o que se observa é a ostentação da representação do leitor que lê muito e sempre e que lê várias vezes um mesmo título, ou seja, que os lê intensivamente, segundo a lógica da leitura intensiva¹¹.

Enunciado 1¹²

Uma sensação estranha. Ok, “A Criança Amaldiçoada” não é uma das melhores histórias de Harry Potter? “A Criança Amaldiçoada” não é uma das melhores histórias de Harry Potter. Mas convenhamos, como vocês se sentiriam em retornar a um dos seus universos favoritos, ao primeiro universo que você visitou em um livro? Vamos por partes. **Eu li esse livro pela primeira vez no nono ano (estou no terceiro do ensino médio), já tinha lido toda a série de Harry Potter três vezes, então eu já conhecia bastante do universo e gostava muito.** Então vem JK com o novo livro de Harry Potter. E é uma decepção. A história não é lá muito boa, parece mais uma fan-fic, mas até que é divertida. (...), mas você se diverte lendo ele. Creio que **não foi a toa que li esse livro em um dia.** Passam os anos, não compro ele, mas um dia vejo na Amazon que a edição em capa dura está de promoção. Compro e **decido reler**, pra ver se era tão ruim quanto me lembrava. E a sensação é diferente. Foi estranho porque, quando terminei, eu senti uma sensação boa no peito, como se eu sentisse uma saudade daquele mundo, daqueles personagens, de toda aquela história (**mesmo já tendo lido os sete livros 3 vezes**). Foi mágico, simplesmente fantástico. Até chorei um pouco, mesmo ainda achando a história meio fraca, mas foi incrível, e **a vontade de reler Harry Potter pela quarta vez só aumentou mais.** [18/03/2020]

Os indícios que atestam a prática exercida conforme sua atualização discursiva, idealizada de ser leitor, estão mobilizados desde a enunciação do caráter relativamente precoce da leitura, ao mencionar ter lido no nono ano do Ensino Fundamental II, até a frequência em suas reincidências, retornos à leitura de uma mesma gama de textos de uma série internacionalmente conhecida, ao enunciar ter lido por três vezes e ainda considerar a quarta leitura. Além desses modos prototípicos da leitura intensiva, ressalta-se a voracidade declarada pela leitura do livro com mais de 350 páginas em um único dia.

Outra representação de leitor altamente positiva e muito frequente nos dados de que dispomos neste artigo é aquela que se pauta na mesma ‘voracidade’ leitora, muito embora, essa voracidade seja representada sob a forma da leitura simultânea de vários e diferentes títulos, autores e gêneros, afirmando a prática leitora extensiva¹³. Essa prática extensiva se expressa particularmente sob a

¹¹ A leitura intensiva se caracteriza pelo ato de ler várias vezes o mesmo texto, sucessivas vezes, ainda que em diferentes momentos. Em alguns cenários isso foi relacionado à leitura mais lenta, mais reflexiva de um mesmo texto. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-intensiva>. Acesso em: outubro de 2021.

¹² Sobre ‘Harry Potter e a Criança Amaldiçoada’ (2016) Disponível em: <https://www.skooob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:26>. Acesso: 26/10/2020.

¹³ A leitura extensiva se caracteriza pelo ato de se ler, simultaneamente ou sequencialmente, um número variado de obras, títulos e autores, simultaneamente ou sequencialmente. Em alguns casos isso foi relacionado à leitura

forma da leitura de vários títulos de um mesmo autor, de uma mesma obra, e isso às vezes simultaneamente, quando se está diante de uma produção contemporânea que tem se caracterizado pela oferta em série, em vários volumes, que se leem em sequência ou simultaneamente.

Enunciado 2¹⁴

Harry Potter, que saudade! Harry Potter novo???? Eu não sei vocês mas quando soube dessa notícia eu fiquei muuuuuito feliz! Não foi Harry Potter que me despertou para a leitura, **já era leitora voraz muito antes disso, mas foram esses livros que modificaram muito os meus hábitos.** Pela primeira vez eu fiquei realmente ansiosa esperando lançamentos, e **tentando encontrar toda e qualquer notícia que falasse sobre os próximos livros por internet. Até então, escolhia meus livros aleatoriamente,** sem nenhuma pressa, mas Harry Potter mudou inclusive meu ritmo de leitura, **já que a gente queria ler logo** pra ficar por dentro de tudo que rolava. Então, para mim, Harry Potter é amor eterno. Acho que esse livro me deu aquela sensação boa sabe, de quando a gente quer saber o que houve com algum amigo querido que não vemos a muito tempo. Matou um pouquinho a saudade, e ficou um gostinho de quero mais. [19/02/2019]

Embora não estejamos diante de um exemplo prototípico do que poderíamos chamar de leitura extensiva, relativa ao consumo simultâneo de vários livros e autores, eventualmente de gêneros distintos, a especificidade desse tipo de produção cultural relativa à saga de Harry Potter, sob a forma de uma série, implica na multiplicação de títulos e com eles de textos que se referem a esses títulos, de filmes, de jogos, de fanfics, configurando um universo amplo de oferta de textos variados, em relação aos quais leitores, como o responsável por este enunciado aqui selecionado, indiciam essa simultaneidade entre o modo de ler intensivo e extensivo, no consumo dessa obra. O enunciador diz que ‘já lia muito antes’ de se tornar leitor intensivo de Harry Potter, e que ‘escolhia aleatoriamente’, os títulos que lia, hábito que se modificou profundamente, conforme afirma, quando então seu centro de interesse se torna essa saga e os textos que gravitam em seu entorno.

Não sem razão, essas formas regulares de enunciação atualizadas por esses leitores jovens que se inscrevem em uma comunidade leitora relativamente definida, quanto à faixa-etária e geracional, são seus interesses culturais relacionados à leitura e a linguagem de que se valem nas formas de expressão de si como leitores. Essas referências que atestam sua voracidade no consumo da leitura das obras referidas são, sem dúvida alguma, um modo orgulhoso de se apresentar como leitor, de apresentar o modo como leem e releem os títulos em questão.

Embora sejam declarações individuais, essas postagens de rede social SKOOB inscrevem-se em um enunciável comum sobre a prática da leitura e, mais especificamente, sobre essa prática exercida por uma dada comunidade de leitores, que se forma pela escolha de livros, pelas formas como se relacionam com esses livros, pelo modo como falam de suas leituras e de si como leitores.

Nos casos expostos, observamos ser comum a expressão do ‘orgulho’ por meio da atualização da representação de que ser leitor é ler muito e sempre, seja a mesma obra, repetidamente, sejam várias obras distintas, simultânea e sequencialmente, ainda que estas componham a mesma série de livros de uma mesma narrativa e toda uma gama de textos sobre essa série.

mais rápida, mais acelerada, com vistas ao consumo de muitos textos. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-extensiva>. Acesso em: junho de 2021.

¹⁴ Sobre ‘Harry Potter e a Criança Amaldiçoada’ (2016) Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:31>. Acesso em: 02/11/2020.

Dos protocolos de leitura da adaptação literária às formas de se enunciar como leitor: o que podemos concluir?

No que se refere ao primeiro subitem desse artigo, com a análise das adaptações vimos que na adaptação brasileira é possível depreender duas representações de trajetos de leitura: o primeiro pressupõe um leitor capaz de decodificar o verbal ou aquele de um leitor responsável pela mediação da leitura para quem ainda não sabe ler, e que atuaria como leitor que ouve o verbal e que decodifica as imagens: lê-se a história e depois se observa a ilustração que a representa. O segundo trajeto é previsto para o leitor que, não dominando a técnica de decodificação do verbal, ainda assim desfruta do gesto de folhear as páginas e de aceder ao conteúdo das narrativas por sua versão ilustrada. Em comparação com as adaptações galegas, a partir da forma de seleção e exposição das narrativas podemos depreender uma autonomia de leitura de cada livro, já que nenhuma das narrativas de cada livro da coleção precisa ser lida segundo a ordem com que foram apresentadas na sequência dos capítulos da obra original, aqui adaptada.

Em relação ao segundo subitem, como observamos, as formas de enunciação do ‘orgulho’ leitor juvenil respondem a certos protocolos mais amplos sobre a prática da leitura, responsáveis por uma série de comportamentos (engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros) historicamente validados, hegemônicos sobre a condição leitora. Dentre os resultados que apresentamos aqui, observamos, entre outras, que entre as formas de expressão do ‘orgulho’ relacionado à leitura, uma delas diz respeito à atualização da representação de que ser leitor é ler muito e sempre, seja a mesma obra, repetidamente, sejam várias obras distintas, simultânea e sequencialmente. Para fins didáticos, categorizamos os enunciados discutidos acerca de dizeres sobre os jovens leitores no Brasil, regidos por essa representação, sob os títulos de ‘leitor voraz/ leitura intensiva’ e ‘leitor voraz/ leitura extensiva’. A discussão suscitada neste trabalho, lança luz sobre esses ‘mecanismos’ discursivos que engendram nossas relações com as práticas, em especial, a leitura, entre os quais participam a expressão de certas emoções como o orgulho, enunciado pelo público juvenil em nosso país.

Referências

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CECCANTINI, J. L. *Literatura infantil: a narrativa*. 2011. p. 117-137. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40360>. Acesso em: 01 mar. 2021.

CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da UnB, 1998.

FARIÑA, A. *A aventura dos muíños*. A Nosa Terra, 2005a. (Don Quixote e Breogán).

FARIÑA, A. *O dragón voador*. A Nosa Terra, 2005b. (Don Quixote e Breogán).

FARIÑA, A. *Dulcinea a nena cabaleira*. A Nosa Terra, 2005c. (Don Quixote e Breogán).

FARIÑA, A. *O exército de ovellas*. A Nosa Terra, 2005d. (Don Quixote e Breogán).

FARIÑA, A. *O león durmiñón*. A Nosa Terra, 2005e. (Don Quixote e Breogán).

FARIÑA, A. *A pousada encantada*. A Nosa Terra, 2005f. (Don Quixote e Breogán).

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MACHADO, A. M; PORTINARI, C. *O cavaleiro do sonho: as aventuras e desventuras de Dom Quixote de la Mancha*. São Paulo: Mercuryo Jovem, 2005.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

SILVA, A. C.; CURCINO, L. Jovens, leitores e orgulhosos: discursos sobre a leitura na rede SKOOB. *In: SEMINÁRIO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – SPLIN, 14., 2020. Anais...* UFSCar, 2021. p. 19-28.

Sobre os autores

Andrei Cezar da Silva. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística/ PPGL da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), na ênfase Linguagem e Discurso, sob orientação da Profa. Dra. Luzmara Curcino. É graduado (2019) em Licenciatura Plena em Letras (Língua Portuguesa e Língua Inglesa) também pela UFSCar, com período sanduíche (2018-2019) na Universidade de Aveiro (UA), em Aveiro – Portugal, pelo Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI Portugal) da CAPES. Desde 2016, é membro-pesquisador do grupo LIRE – Laboratório de estudos da leitura; cujas pesquisas versam sobre as representações acerca da leitura e do(a) leitor(a) brasileiro(a), valendo-se dos princípios teóricos da Análise do Discurso de orientação francesa e da História Cultural da Leitura. Atuou (2014-2018) no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/UFSCar, subsidiado pela CAPES, desenvolvendo atividades na área de Língua Portuguesa para o ensino regular. Possui experiência como professor de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa em níveis de ensino e faixa-etária distintos, nos segmentos público e privado.
E-mail: andrei.cezar29@gmail.com.

Jéssica de Oliveira. Graduada em Letras (Licenciatura Plena em Português e Espanhol) pela Universidade Federal de São Carlos (2014), mestre (2017) na área de Linguística pela mesma instituição. Participa como pesquisadora do Laboratório Interdisciplinar de Estudos das Representações do leitor brasileiro contemporâneo (LIRE) desde 2012, o qual é coordenado pela Profa. Dra. Luzmara Curcino Ferreira. Atualmente desenvolve a pesquisa de doutorado "D. Quixote no Brasil: um século de adaptações da obra de Cervantes para crianças e jovens".
E-mail: jessicaoliv@gmail.com.